



Ilustração: Isabella Ferreira

EDIÇÃO 2021 | Nº 03

# AMPLIE

MUNDO DA MÚSICA



# Sumário

Entrevista com Juliana Sapper, professora de música para crianças e criadora do projeto "Toca Canto Cultural".



Introdução	03
Moda	05
Cultura	07
Política e Mundo	09
Saúde	11
Tributo à Marília Mendonça	13
Entrevista	15
Relatos	21
Mural	23
Saiba Mais	27
Opinião	29
Economia	31
Ciência e Tecnologia	33
Falando em Números	35
Amplie Indica	37
Expediente	39



## Quem Somos

Prazer! Nós somos a Revista Amplie! Somos um grupo de estudantes da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais.

A Amplie nasceu da vontade de quatro mulheres de colocar em prática os conhecimentos obtidos no curso de jornalismo e produzir um espaço de aprendizado com conteúdos relevantes. Agora a equipe cresceu e conta com diversas pessoas que cuidam de todo o processo de produção da revista. Nós da Revista Amplie pretendemos abordar temas diversos, mas todos com o mesmo objetivo de abrir horizontes para o leitor. Queremos que a informação que é consumida seja capaz de conscientizar a sociedade e gerar indagações por meio do que acontece e evolui ao nosso redor, já que estamos em constante mudança. A informação é uma ferramenta poderosa e, quando transmitida conscientemente, é capaz de mudar o mundo.



# music



A música já me ajudou muito em um momento difícil que vivi. Eu estava em uma época muito triste, me sentindo mal, e procurei refúgio em músicas. Foi aí que eu conheci o Tiago Iorc, e por isso eu gosto bastante dele. Ele me ajudou quando ninguém mais tentou. Música é tudo!

**Isabelle Oliveira**



Música pra mim significa alegria, que sempre deixa o momento com uma energia muito boa.

**Maria Eduarda**



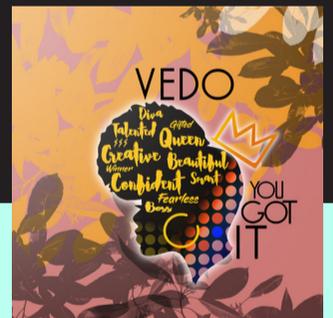
**Mds - Kawê & MC Lele Jp**



**Não, Não Vou - Mari Fernandez**



**Tipo Gin - MC Kevin O Chris**



**You Got It - Vedo**



**Apaga a Luz Apaga Tudo 150Bpm - MC Topre**



**Passinho Debochado - Dan Ventura**



**Plutão - VMZ**



**Maravilha - MC CH da Z.O & MC Hollywood & MC Magrinho**

# BOMBOU NO TIKTOK

# COU



Eu sempre fui muito ligada à música, sempre amei cantar e dançar, me faz sentir livre.

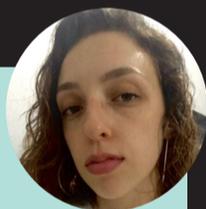
**Luara**

Pra mim, a música é o meu jeito de lidar com os sentimentos e com os momentos que eu tô passando. Uma mania que eu herdei da minha mãe foi de associar música a pessoa e a momentos, uma espécie de trilha sonora mesmo. Então pra mim, a música é isso, vivenciar e retornar a momentos.



**Thais Cal**

Pra mim, música é terapia. Tanto nos momentos difíceis quanto nos bons <3



**Laura**



Música para mim é conforto e acolhimento. É a sensação deliciosa de se transportar para um momento através de um som.

**Maria Cecilia**

Sentimento de conexão. Sinto que posso me conectar com diferentes emoções, realidades e países com a música.



**João Paulo**

Minha relação com a música é definida por 2 momentos: trabalho e corrida, ambos para focar.



**Laís Fidelis**

# QUANDO O FASHION ENCONTRA A MÚSICA

## O CASAMENTO ENTRE OS PALCOS E AS PASSARELAS



*Por Luara Miranda*

A música é uma das mais antigas formas de expressão. Antes mesmo de desenvolver a fala, o ser humano já reproduzia sons e ritmos para se comunicar e se entreter. E com a moda não é diferente. Desde a formação das comunidades, cidades e reinos, o homem se apoia nos mais diversos tipos de vestimenta para se comunicar não-verbalmente. Uma peça de roupa, um tecido e até mesmo cores têm significado. E por serem tão importantes para as pessoas, o casamento entre a moda e a música é simplesmente inevitável.

A Versace, marca de alta costura, foi pioneira ao fazer a aliança entre as passarelas e os músicos dos grandes palcos. Gianni Versace (fundador e designer da marca que leva seu nome) sempre fez questão de mostrar sua paixão pela música, e por isso, deu início à trend de fazer parcerias com grandes cantores. A casa de moda, que já contou com artistas como Madonna, Lady Gaga, Jon Bon Jovi e Jennifer Lopez, foi reconhecida pela revista Vogue como uma das maiores fãs de música no mundo fashion. E no desfile da Semana de Moda de Milão 2021, se tornou um dos assuntos mais falados nas redes sociais ao convidar a cantora Dua Lipa para abrir e fechar o evento. Dua desfilou duas peças exclusivas da coleção de primavera-verão de 2022 e ainda fez parte da trilha sonora do desfile.

E como já era esperado, a ideia de se alinhar com músicos foi abraçada por diversas marcas. Os conhecidos Embaixadores são escolhidos a dedo pelas grifes como forma de não só representar a marca, mas também de se conectar com o público. E como as tendências de moda andam lado a lado com

as tendências musicais, diversas marcas passaram a se atentar ao domínio do K-pop nas paradas globais de música. Assim, tem se tornado cada vez mais comum ver marcas esportivas abraçando grupos inteiros, como a FILA fez com o BTS e Adidas com o Blackpink.

Com as marcas exclusivas de moda, a história costuma ser um pouco diferente. Em sua grande maioria, as casas convidam apenas um integrante de cada grupo para serem embaixadores. E as meninas do Blackpink são as primeiras a serem lembradas quando o assunto é luxo. As quatro integrantes são embaixadoras de marcas de alta costura e das chamadas ready to wear -- pronta para vestir, em tradução livre. Rosé é embaixadora da marca francesa Yves Saint Laurent desde 2019, e andou no tapete do Met Gala 2021 acompanhada por Anthony Vaccarello, diretor de criação da YSL. Jennie é famosa por ser o rosto da Chanel; Lisa é embaixadora da Céline. E por último, mas não menos importante, a Jisoo, embaixadora da Dior, foi responsável por causar grande movimentação nas redes sociais ao marcar presença na semana de moda parisiense.

**“Se a YG demitir ela, me mandem mensagem. Eu vou levá-la.”**  
- Pietro Becari, CEO da Dior, falando sobre a Jisoo.

A Louis Vuitton, casa de luxo parisiense, inovou no conceito e surpreendeu ao convidar os sete membros do BTS para serem embaixadores. No começo de 2021, para selar a colaboração com o septeto, a marca francesa levou sua coleção masculina de inverno diretamente para a Coreia do Sul, e o grupo desfilou as peças em uma transmissão super conceitual que, além de ficar em primeiro lugar nos assuntos mais comentados do Twitter, foi assistida ao vivo por mais de 500 mil pessoas.

Não é novidade que sacadas de marketing são super importantes para o bolso dos grandes conglomerados de moda, por isso, se conectar com as legiões de fãs do mundo pop tem sido peça chave para atrair jovens admiradores e fazer eles se tornarem clientes fiéis.



# MÚSICA POPULAR AFRO-BRASILEIRA

Como as religiões afro-brasileiras e a música popular se relacionam, se engrandecem e se enriquecem.

Por Pedro Langer

“Se vocês  
querem saber  
quem eu sou/ Eu  
sou a tal mineira/  
Filha de Angola,  
de Ketu e Nagô.”

Esse trecho da canção  
“Guerreira”, eternizada na voz  
de Clara Nunes é apenas uma amostra  
de uma infinidade de diferentes  
canções e ritmos brasileiros que fazem  
referência às religiões do candomblé e  
da umbanda e que

buscam nessas relações uma aproximação com as raízes da cultura afro-brasileira.

A importância do candomblé para a música brasileira expande-se para além dos limites dos terreiros, pois se estabelece uma associação de mútua ajuda entre esses dois campos da sociedade. Percebe-se tanto em aspectos sonoros quanto na visibilidade da religião, dado que a presença de elementos religiosos podem ajudar na desestereotipização da imagem preconceituosa construída em torno delas. Nesse sentido, a música surge como um importante divulgador desse universo.

A música no candomblé é um meio de se relacionar com as divindades, uma linguagem privilegiada no diálogo com os Orixás que liga o músico (Ogã) com o mundo transcendente. As cerimônias prezam por instrumentos como o agogô, o xequerê e três atabaques de diferentes tamanhos na qual o protagonismo é assumido pelos sons graves, que, em consonância com os movimentos de cada Orixá, expressam suas respectivas particularidades na linguagem musical e gestual.

A influência na música brasileira pode acontecer por meio de músicos que praticam o candomblé e misturam fraseados e interpretações com ritmos africanos que não se relacionam diretamente com a religião, como o Jongo, Folia de Rei e Bumba Meu Boi. E há ritmos



LP póstumo de Clara, como foto na qual ela usa um adê de conchas estilizado, em referência aos adornos utilizados pelos orixás femininos no candomblé e um quelê, que a iniciada deve usar durante três meses após o ritual de iniciação, simbolizando sua ligação com o orixá. Nessa época a identificação de Clara com o Candomblé já estava consolidada no imaginário popular.  
Foto: Discogs



que tiveram influência direta, como o Samba de Roda da Bahia e do Rio de Janeiro, por meio da descendência que o tamborim tem do agogô; e do Afoxé, ritmo totalmente brasileiro, que uniu terreiros de diferentes etnias, como o Ketu, Angola e Jeje.

Uma das maiores contribuições dessa cooperação entre umbanda, candomblé e música foi o disco Os Afro-Sambas, do violonista Baden Powell e do poeta Vinicius de Moraes. O uso de instrumentos musicais, como a percussão fervorosa do atabaque e do agogô, além de elementos de religiosidades afro-brasileiras aliados à formação musical de Baden e à sensibilidade poética de Vinicius permitiram a criação de uma música muito representativa e influente que colocou muita gente em contato com esses elementos pela primeira vez.

Outros artistas também valeram-se dessa

religiosidade, como Gilberto Gil e João Donato, mas a mais significativa foi Clara Nunes. Em sua produção artística, as referências às religiões afro-brasileiras extrapolam os ritmos e as letras das músicas e aparecem também em seus shows, aparições de TV e até nas capas e nos encartes de seus LPs. A cantora tornou público o uso de guias e pulseiras e elementos performáticos contidos nos rituais (danças dos orixás, gestos e postura corporal), contribuindo para uma maior divulgação da religião.

As performances de Clara e a escolha por um repertório que expressa elementos dessas religiões a tornam fundamental no processo de “retorno à África”, no qual artistas buscaram no continente uma fonte de tradição cultural. Isso foi decisivo

para o candomblé ganhar as ruas nas décadas de 1970 e 1980 e integrar enredos de escolas de samba, alegorias de blocos carnavalescos e até trama de novela das oito!

Assim, por meio da música, as religiões afro-brasileiras foram ganhando espaço dentro da sociedade, ao passo que seus elementos e referências foram grandes contribuintes para a riqueza cultural presente em nossa música.



Baden e Vinicius durante o processo de criação do disco, no apartamento do poeta, no Parque Guinle, onde passaram três meses.

# SERTANEJO E REGGAETON? CANTORES BRASILEIROS SE AVENTURAM NO RITMO LATINO

“Em 2020 e 2021, muitos artistas brasileiros se aventuraram em feats com cantores latinos. E essa tendência veio pra ficar no mercado musical que mais cresce no mundo.”

*Por Stéfany Perón*

O mercado musical da América Latina é o que cresce mais rápido no mundo. De acordo com o relatório da Recording Industry Association, a música Latina foi a que mais cresceu no ano de 2020. Esse cenário se deve muito ao crescimento das plataformas de streaming e das redes sociais como o TikTok, que ajudam a viralizar as músicas.

Uma das estratégias para viralizar nos aplicativos de música e atingir um público maior são os Feats, parcerias musicais entre dois ou mais artistas, feitas para aumentar a visibilidade e que permitem que o artista se aventure em outros estilos.

As vantagens dessas colaborações, são, principalmente, a diversificação do estilo musical, ao combinar duas ou mais referências, e a possibilidade de ser ouvido pelo público de outros gêneros musicais.

A presença de feats é comum na música há muito tempo. Tanto na indústria musical brasileira quanto nos outros países da América Latina, é comum ver canções colaborativas de artistas de estilos bastante diferentes.

O Reggaeton é a principal influência latina na música brasileira e no mercado global. O gênero portoriquenho tem uma batida eletrônica e enérgica e caiu no gosto de artistas em todo o continente, como Ed Sheeran, Luan Santana e Justin Bieber.

O Sertanejo é um estilo que se apropria muito de elementos do Pop, do Funk e do Forró, e já tinha sido influenciado pelo reggaeton, principalmente a partir de 2017, com o sucesso de Despacito, de Luis Fonsi e Daddy Yankee. Agora, o estilo está ultrapassando as fronteiras geográficas e de linguagem e colaborando

diretamente com os artistas latinos.

Na geração dos streamings, essas colaborações são ainda mais interessantes. Elas permitem que o artista seja encontrado em diversas playlists de estilos diferentes, o que aumenta sua visibilidade na plataforma e, conseqüentemente, o número de ouvintes..

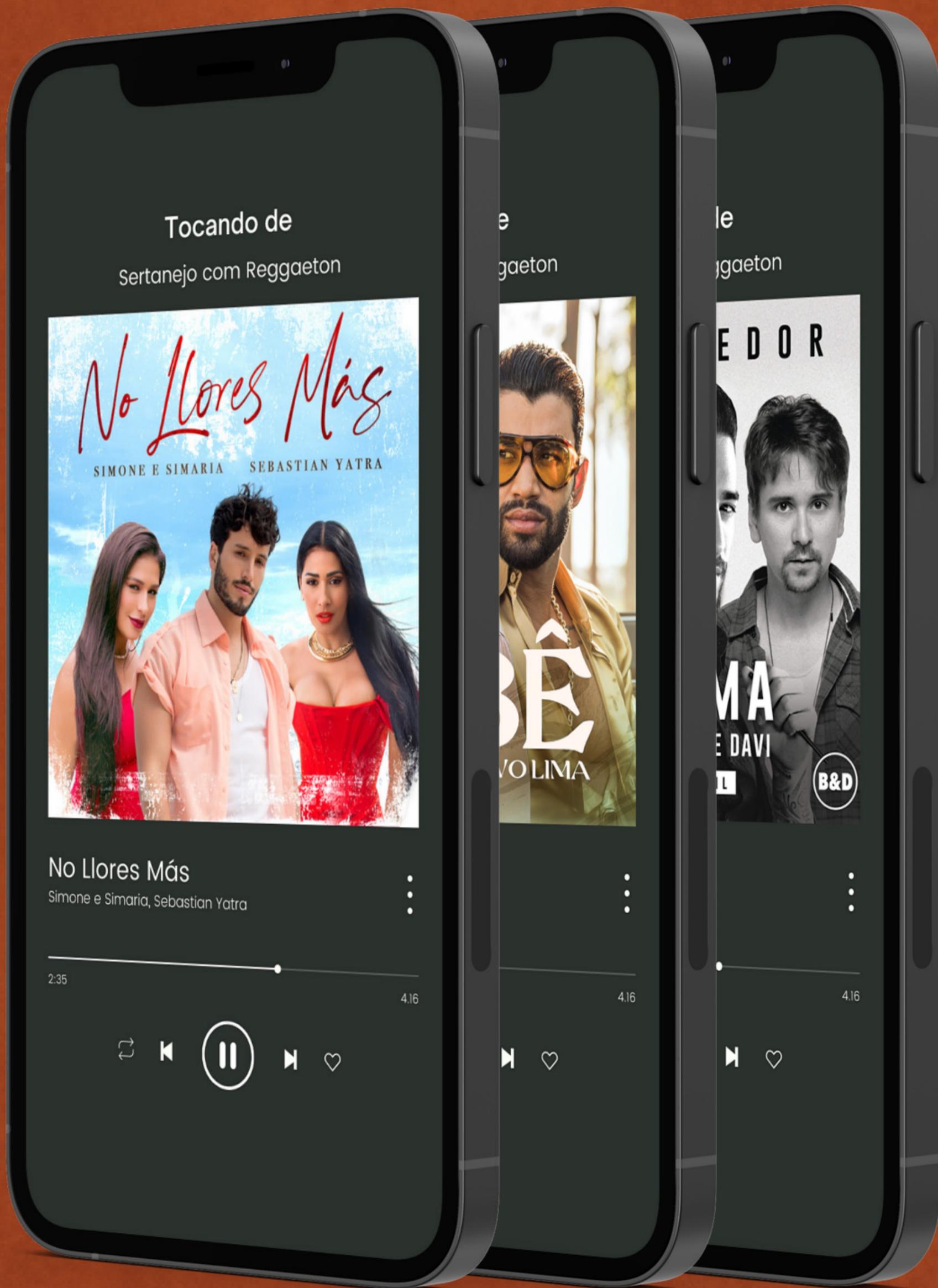
Simone e Simaria, Wesley Safadão, Gustavo Lima e Zé Neto e Cristiano são exemplos de artistas que adotaram os ritmos latinos recentemente. Mas grandes nomes como Ivete Sangalo, Anitta e Paula Fernandes já tinham se aventurado cantando em espanhol.

Alguns dos pontos que contribuem para o sucesso dessas combinações são as semelhanças culturais, marcadas pelos ritmos dançantes de batida animada, e a proximidade do idioma, que torna mais fácil para ambos os públicos entenderem e cantarem junto.

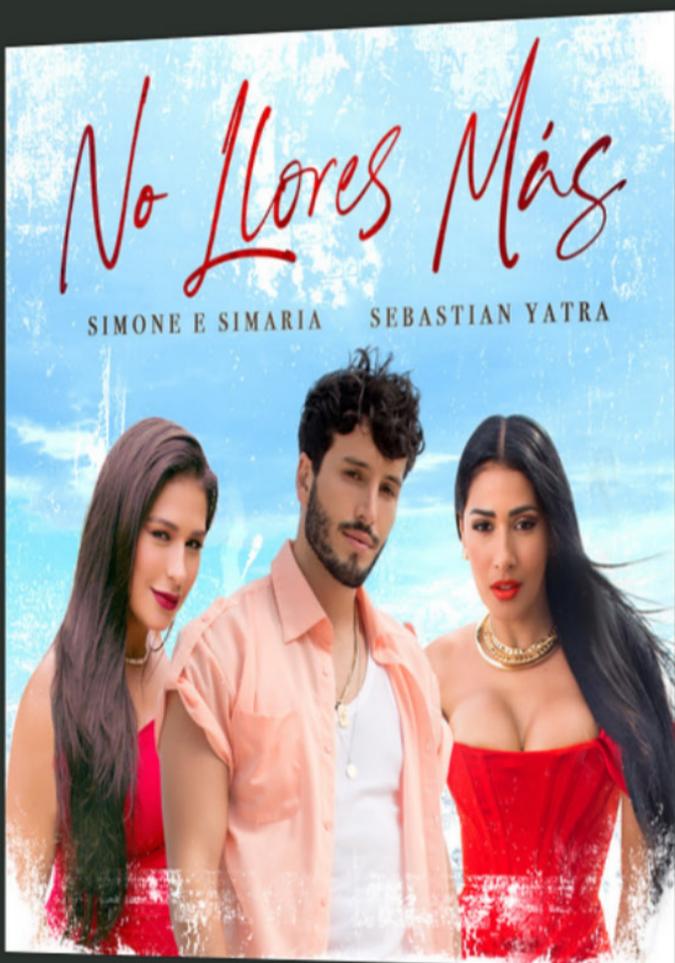
Mas nem sempre o resultado é bilíngue. Para a parceria com Gustavo Lima, Camilo quis homenagear o Brasil gravando a canção completamente em português. A música marca a estreia do artista no mercado brasileiro, onde ele já tem um enorme grupo de fãs.

As parcerias podem partir da iniciativa dos próprios artistas ou das gravadoras. A parceria de Simone e Simaria com Sebastián Yatra começou quando ele veio ao Brasil mostrar seu trabalho. Em entrevista à Revista Quem, o colombiano revelou que essa parceria abriu portas tanto para ele no Brasil quanto para as coleguinhas na América Latina, e que deseja fazer outras colaborações com brasileiros.





Tocando de  
Sertanejo com Reggaeton



No Llores Más

Simone e Simaria, Sebastian Yatra

2:35

4:16



e  
ggaeton



4:16



le  
ggaeton



4:16



# SOM PARA CURA

## A RELEVÂNCIA DA MÚSICA NO TRATAMENTO DE PACIENTES

Por Isabelle Oliveira

Para um bom apreciador da música, é impossível reconhecê-la apenas como entretenimento, ou som transmitido e que logo se dissipa sem gerar mudança. Repleta de significados e reações, a música também é uma forma de promover o bem-estar emocional e físico, já que é uma importante aliada à saúde, resultando na diminuição do estresse e no aumento dos estímulos da memória, da comunicação, do equilíbrio e da coordenação motora.

O estudo da neurociência apresenta evidências dos benefícios da utilização orientada dos sons, à medida que estimulam uma parte específica do cérebro denominada de córtex auditivo, auxiliando – de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) – no tratamento de pacientes com síndromes genéticas e transtornos.



Grupo "Oficina da Alegria" no Hospital do Câncer de Muriaé. Foto: Repre

Na área da saúde, a musicoterapia é reconhecida como uma prática que auxilia na melhora de pacientes por meio de experiências técnicas sonoro-musicais. Segundo as especialistas da esfera, Marilda Rosa de Melo (especializada pelo Conservatório Brasileiro de Música-RJ), Ana Lobato (especializada pela Universidade Federal de Juiz de Fora), e Carolina Carvalho (especializada pela Faculdade de Curitiba) cada indivíduo possui sua história cultural, sonora pessoal e clínica, o que reflete na seleção ou rejeição de sons, ritmos ou músicas. Portanto, o profissional deve ser capaz de conduzir a sessão de tratamento de forma a não desestabilizar o paciente com "qualquer som".

Além disso, as musicoterapeutas também destacam a diferença da musicoterapia para educação musical, não sendo necessária na primeira a percepção de ritmo ou de afinação, logo, são levadas em consideração apenas as expressões originadas por





Produção Facebook



meio da música. No processo são respeitados os gostos do paciente, bem como a preferência pelo silêncio, que também é fator importante na terapia.

O âmbito atende a todos os públicos, desde bebês até idosos, com transtornos ligados a aprendizagem, ansiedade, dificuldade na fala, depressão, fobias e diversos outros, inclusive englobados no atendimento a pacientes oncológicos.

No município de Muriaé, em Minas Gerais, o grupo “Oficina da Alegria”, formado por quarenta voluntários da Igreja Batista Parque Safira, é um exemplo de como a música pode ser uma ferramenta revolucionária para melhora significativa de pacientes. A equipe trabalha desde 2004, realizando visitas no Hospital do Câncer e outras instituições hospitalares da cidade. No período de pandemia, se concentram na parte externa do local e cantam para os pacientes, que podem optar por aparecer nas janelas dos quartos ou claraboias para ouvir as canções.

O líder do grupo, Antônio Adilson Duarte, teve a ideia de realizar a ação quando seu pai faleceu vítima do câncer em 2004, e desde então, se propôs a ir caracterizado de palhaço duas vezes na semana durante todo o ano nos hospitais para levar conforto por meio das músicas entoadas. Segundo ele, durante sua trajetória já recebeu diversos relatos de pacientes e familiares dizendo o quanto sentem conforto e bem-estar após as visitas. Além dele, os outros integrantes também realizam ações no espaço, como entrega de panfletos com frases de coragem e CDs criados por eles.

Portanto, cabe compreender que a música possui extrema ligação para o processo de cura, seja física ou emocional, se sentir “bem” ou “mal” ouvindo um som é uma reação, e às vezes essa reação é tudo que alguém precisa para sentir vontade de evoluir e melhorar a qualidade de vida.

**PARA SEMPRE,**

*Mãe*

**ETERNA**

**PALCO**

**IRMÃ**

**SEI DE COR**

**SUCESSO**

**PATROAS**

**CANTORA**

**TODOS OS CANTOS**

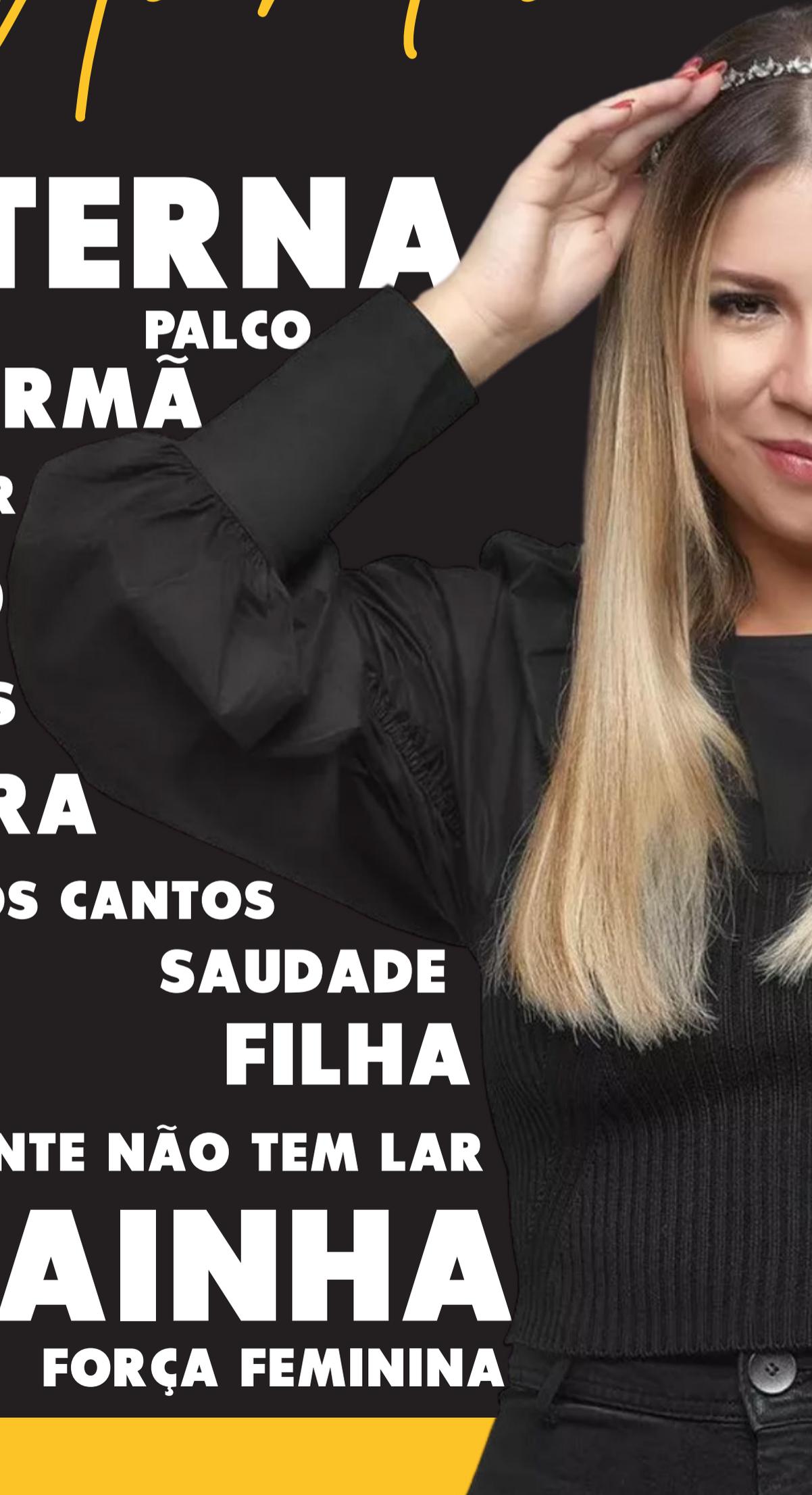
**SAUDADE**

**FILHA**

**AMANTE NÃO TEM LAR**

**RAINHA**

**FORÇA FEMININA**



♥ 22/07/1995 † 05/11/2021

# SOFRÊNCIA

SERENATA

AMOR

INFIEL

SUPERA

FÃ CLUBE

MÃE

SENTIMENTO

COMPOSITORA

AMIGA

GRAVETO

SORORIDADE

CIUMEIRA

SERTANEJO

TUDO MUNDO VAI SOFRER

DETERMINAÇÃO



# Juliana Sapper

**Juliana Sapper tem 35 anos, é formada em pedagogia, licenciada em educação musical e proprietária do Toca Canto Cultural. Em 2006, Juliana começou a dar aula para as crianças. A cantora sempre teve muita vontade de abrir seu espaço e sempre teve contato com a educação musical infantil.**

**É importante no desenvolvimento global da criança. A música liga a comunicação, a linguagem, liga a sociabilização, então, ela liga o raciocínio lógico, a sensibilidade emocional, a afetividade, a percepção corporal.**

**Amplie: De onde veio esse incentivo em relação à música, foi da família?**

**Juliana:** Na verdade, eu não tenho ninguém que é de profissão artista na minha família. Porém, eu tenho um tio, irmão da minha mãe, ele sempre tocou piano. Então, a educação musical na minha família sempre foi incentivada também pelos meus avós. E o meu pai, do outro lado da família, tocava violão também. E quando eu era bem pequenininha, eu me lembro dele tocando violão e eu cantando com ele, eu cantava umas músicas infantis. Eu ficava no meu pianinho e meu pai no violão. Além desse incentivo, quando eu entrei no colégio, primeiro ano do fundamental, a minha mãe me deu esse curso integral. Então,

foi um pouco dos dois. Por um lado eu tive esse incentivo com a educação, paga, um professor, e por outro lado eu sempre tinha o meu pai.

**A: E até falando desse desenvolvimento qual é a importância da música e o desenvolvimento das crianças?**

**Ju:** É importante no desenvolvimento global da criança. A música liga a comunicação, a linguagem, liga a sociabilização, então, ela liga o raciocínio lógico, a sensibilidade emocional, a afetividade, a percepção corporal. Então, ela favorece todo o desenvolvimento da criança. Eu vejo um sintoma da pandemia, que aconteceu agora. As crianças

precisaram ficar dentro de casa em um momento muito importante do desenvolvimento. Todo desenvolvimento é importante, mas na primeira infância é importantíssimo a criança ter contato com outras crianças, com a natureza, brincar no parquinho, essa sociabilização... Só elas poderem ir às aulas de música, eu tenho muitos relatos de famílias que são muito gratas, porque elas não tinham contato com nenhuma criança... Nem só criança, com pessoas! Elas viam uma pessoa e começavam a chorar, porque elas vão desenvolvendo essa sociabilização e não puderam ter isso. Então até mesmo online, elas veem as outras crianças ali, estão conhecendo um novo mundo, um mundo de sons, uma pessoa cantando, outras crianças.





**A: Então... o projeto (o Toca Canto Cultural) surgiu quando? Como que ele começou? E como foi a inspiração para você criar um projeto, principalmente nessa pandemia?**

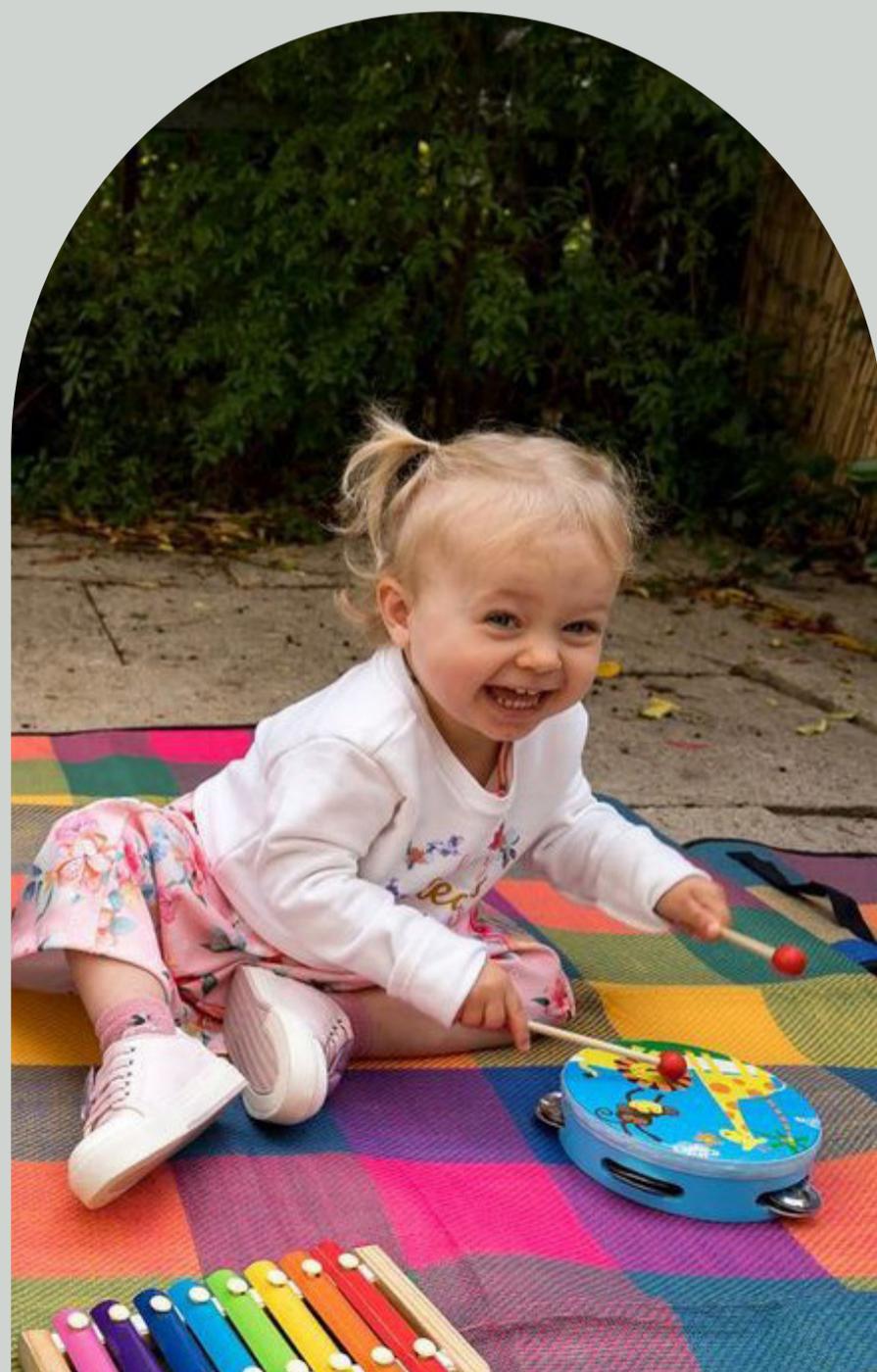
**Ju:** Eu trabalhei em MUITAS escolas, MUITOS tipos de projetos. São 14 anos agora e já foram muitos projetos e muitas vivências, porque eu quis viver tudo! E uma das coisas que eu não tinha vivenciado era ter a minha própria escola. Então depois de ter dado aula em muitos tipos de projetos eu ia cada vez me aproximando mais do que eu me identificava. E aí eu moro em uma casa que tinha como eu receber as crianças e comecei a receber meus alunos aqui em casa. E nesse momento quando eu comecei a receber, eu pensei “não, vou ter que dar um nome pro projeto”. E surgiu, eu nem sei dizer quando que surgiu, mas o nome “toca” surgiu. TOCA. O Canto Cultural veio depois, mas o nome Toca surgiu porque é uma palavra que tem a ver com o toque, tem a ver com tocar...Enfim, é uma palavra muito ampla e eu adorei. E também tem a ver com a toca, né? Então foi só uma questão de entrar na pandemia, eu digitalizar o logotipo, oficializar o nome e criar... oficializar mesmo as mídias, no Instagram e tal.

**A: E o projeto atualmente é on-line, você tem pretensão de voltar ou começar algo presencial?**

**Ju:** Nesse momento tô tendo bastante demanda on-line e eu gosto do presencial, mas eu não vejo como administrar porque o presencial acaba dando muito mais trabalho pra mim porque agora tem todo um protocolo, tem que estar de máscara, passar álcool. Então por enquanto está sendo melhor on-line. Até porque on-line eu recebo alunos que não são da minha cidade, eu tenho alunos de vários lugares do mundo inclusive, como é o caso da Alice, que é de Londres. Tenho alunos da Austrália. Do Brasil a fora também, de lugares que não têm aula de música para bebês. Por um lado é muito interessante porque dá acesso a essas possibilidades que uma aula presencial não dá. Então por enquanto a ideia é manter on-line até quando for possível.

**A: E como é que funciona o planejamento dessas aulas, como você molda, como é esse planejamento?**

**Ju:** Eu sempre trago a cultura popular brasileira, bastante, né?! Porque a maior parte do quórum dos meus alunos são famílias brasileiras que moram no exterior e que querem o contato com a cultura porque estão, vamos supor, morando na Europa e tem pouco contato com a cultura brasileira, querem trazer esse contato com a língua portuguesa, com a cultura brasileira. Então, eu trago bastante esses instrumentos bem da nossa cultura popular, berimbau, tamborim, pandeiro, coco, cuica, caxixi, a maraca indígena. E essas músicas também, esse folclore popular, músicas de matriz afro, de matriz indígena, músicas do folclore nordestino e aí vai variando, né?!



O fenômeno da internet, Alice Secco, é uma das alunas da Toca Canto Cultural. Pelas redes sociais sua mãe compartilha um pouco da rotinas das aulas. Foto: Reprodução instagram @morganasecco



**A: Quais são os feedbacks dos pais em relação às aulas e quais as principais observações que eles falam em como as aulas estão ajudando no desenvolvimento das crianças? Alguma coisa que eles perceberam que tem influência com as aulas?**

**Ju:** Muitos feedbacks positivos e é isso que me faz dar continuidade com o projeto. O campo sonoro vai se ampliando. As famílias não dizem esse termo, mas elas dizem que a criança está mais perceptiva aos sons e aos barulhos, tem procurado brincar mais com os objetos sonoros em casa, buscado mais os instrumentos, não só dos objetos, mas o som das palavras, os sons corporais mesmo, das vozes. Então a percepção corporal deles tem se desenvolvido mais, os movimentos, às vezes, na rotina, surge um movimento diferente, que eles não faziam. Ah, e eles começam a cantar. Então, às vezes, em dois meses de aula, os pais vêm falar 'ai, antes ela só olhava, só dançava, agora já tá cantando, isso não tem preço'. O ritmo também. Vão conseguindo entender o ritmo das palavras, das músicas, do tambor. Cada percepção vai ampliando.

**A: Por que você acha que mesmo com a lei que obriga o ensino de música nas escolas de educação básica ainda são poucas as escolas que oferecem as aulas de música?**

**Ju:** Eu acho que algumas escolas ainda não têm a disciplina específica de música porque a lei, por ser ainda “recente”, ela ainda “permite”, ser flexível. A lei foi lançada em 2008 e ela só realmente foi entrar em vigor em 2011 porque as pessoas estavam se preparando. Tinha pouca formação de educadores musicais, as escolas ainda não tinham muitos recursos... infelizmente no nosso governo, a arte não é algo que é incentivado, né? Então o que acontece? Nas escolas que não têm como ter a sala de música, os instrumentos, o professor de música, a disciplina curricular de música. Elas podem ter a música como um ensino dentro do currículo, mas pelo professor regente. Assim como, por exemplo, é com o contexto indígena e afro-brasileiro, né? Tem que ter essa abordagem nas escolas, é obrigatório, porém pode ser dentro do currículo. Então o professor regente, em algum momento do ano, ele tem que colocar dentro do cronograma uma história afro-brasileira, uma história indígena... não é o ideal, né? O ideal seria que fosse bem mais, mas ainda assim, a lei pode ser flexível até que as escolas consigam se adaptar. Mas o ideal realmente seria se tivesse esse incentivo.

**A: É isso mesmo. Falta um pouco de recurso e de incentivo.**

**Ju:** Recurso, incentivo e conscientização social e individual. Porque o que é popular não é muito incentivado. Aí em Minas tem o Congado Mineiro, né? Não sei se aí tem a festa do Divino também? Tem, né? Então são manifestações culturais que meu Deus! Tinha que tá dentro das escolas, sabe? É algo que precisa passar de geração pra geração em todas as classes sociais, porque faz parte da nossa cultura. A nossa cultura tem que ser priorizada, mas isso é uma questão de consciência, infelizmente. Então se não tem esse incentivo, as pessoas não vão se atentar pra isso.





**Renata Alice Nunes**  
**@reh\_nuno**

Desde pequeninha a música sempre se fez presente na minha vida. Meu pai toca alguns instrumentos e meus tios, também. Sem nenhum conhecimento teórico, tudo “de ouvido”, como eles dizem. Em casa sempre tinha ao menos um radinho ligado tocando alguma coisa, eu amava ficar na frente da TV, dançando e cantando. Na medida que fui crescendo, ouvia alguns familiares e amigos dizendo que eu “levava jeito”, cantava bem. Aos poucos fui me soltando, me apresentava em eventos da escola e na igreja também. Fiquei por dois anos cantando no ministério da igreja e isso me rendeu alguns convites para cantar em pequenos eventos.

Quando fui pra UFV e descobri que lá tinha um coral, me entusiasmei porque queria muito participar. Cantar no coral traz uma sensação maravilhosa! Sensação de liberdade, de poder expressar meus sentimentos através da música. É minha válvula de escape para muitos dos meus problemas. Tem dias que eu não tô muito bem... mas pego minhas partituras, vou pro ensaio e quando eu escuto por fim o arranjo das vozes se encaixando em harmonia, eu me arrepio inteira! Dá um quentinho no coração! Sem contar as pessoas incríveis que conheci através do coral, os lugares que eu conheci e as oportunidades que já tive. A música conecta as pessoas de um jeito lindo.

Já pensei, algumas vezes, sobre cantar em outros “espaços”, mas me falta tempo pra me dedicar. O mercado da música pra quem tá começando é muito difícil, é um trabalho de muita persistência e dedicação. Pra quem não tem dinheiro pra investir é mais difícil ainda. Realmente, é um trabalho para quem ama. Muito lindo, mas difícil.

# RA GENTE!

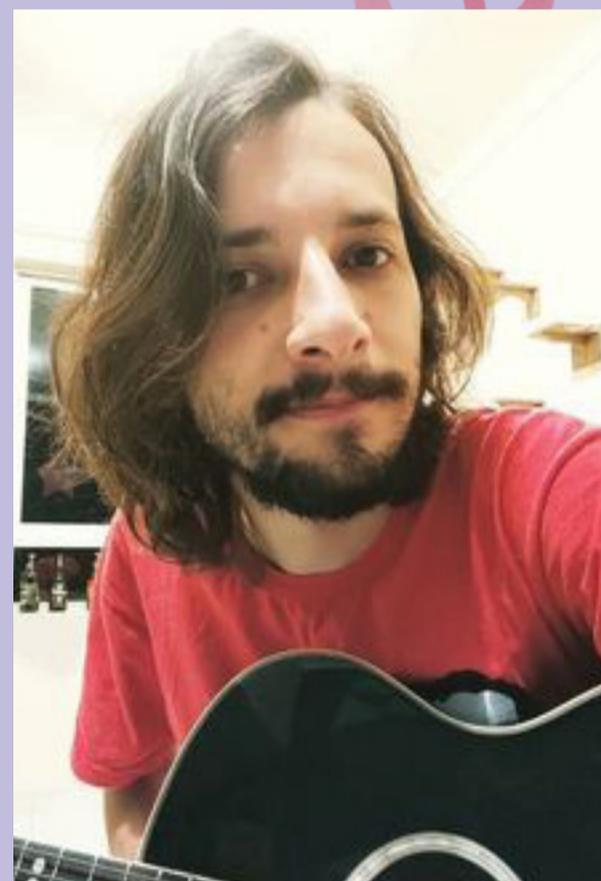
A música sempre fez parte da minha vida! Cresci ouvindo rock e MPB. Com 14 anos comecei a tocar violão e comecei a cantar com 18 anos. De lá pra cá fui me apaixonando por fazer música! Eu sempre amei o poder de agregar às pessoas quando canto/toco. Desde sempre, cantar era motivo de reunir pessoas, de conhecer gente nova! Ver o brilho nos olhos de quem tá ali cantando e sentindo comigo é algo maravilhoso.

Eu decidi fazer da música um trabalho depois de um show do Lenine, no Inhotim, em 2019, pois esse específico cantor me faz sentir coisas inexplicáveis enquanto interpreta suas canções! É um sentimento que mexe muito comigo. Saindo de lá, decidi que queria que todo mundo sentisse o que eu senti nesse momento. Por isso eu canto, eu toco, eu sinto! E é maravilhoso ouvir pessoas me falando coisas como “você toca com o coração” e “você sente o que está cantando”. O meu objetivo enquanto músico é irradiar o meu sentir pelas harmonias, pelas letras. É a minha melhor forma de expressão. A música impacta as pessoas e as mobiliza.

Hoje eu canto só e também canto com a @pauladornelasm. A gente tem um duo chamado Folia de Dois. É uma parceria incrível pois a gente é cúmplice de ideia e temos esse mesmo anseio de poder tocar dentro das pessoas. É uma amizade longa, de muito afeto, e isso é impresso nas nossas interpretações.

Eu não tenho a música como fonte de renda. Eu trabalho em outros lugares e não pretendo hoje viver de música. É um passo muito difícil pois envolve mercado, marketing, parcerias e outras coisas que podem desviar o projeto original. Eu tenho total admiração por quem desbrava esse caminho, mas sinto que ainda não estou preparado.

**Luis Santos**  
**@luis.santosn**



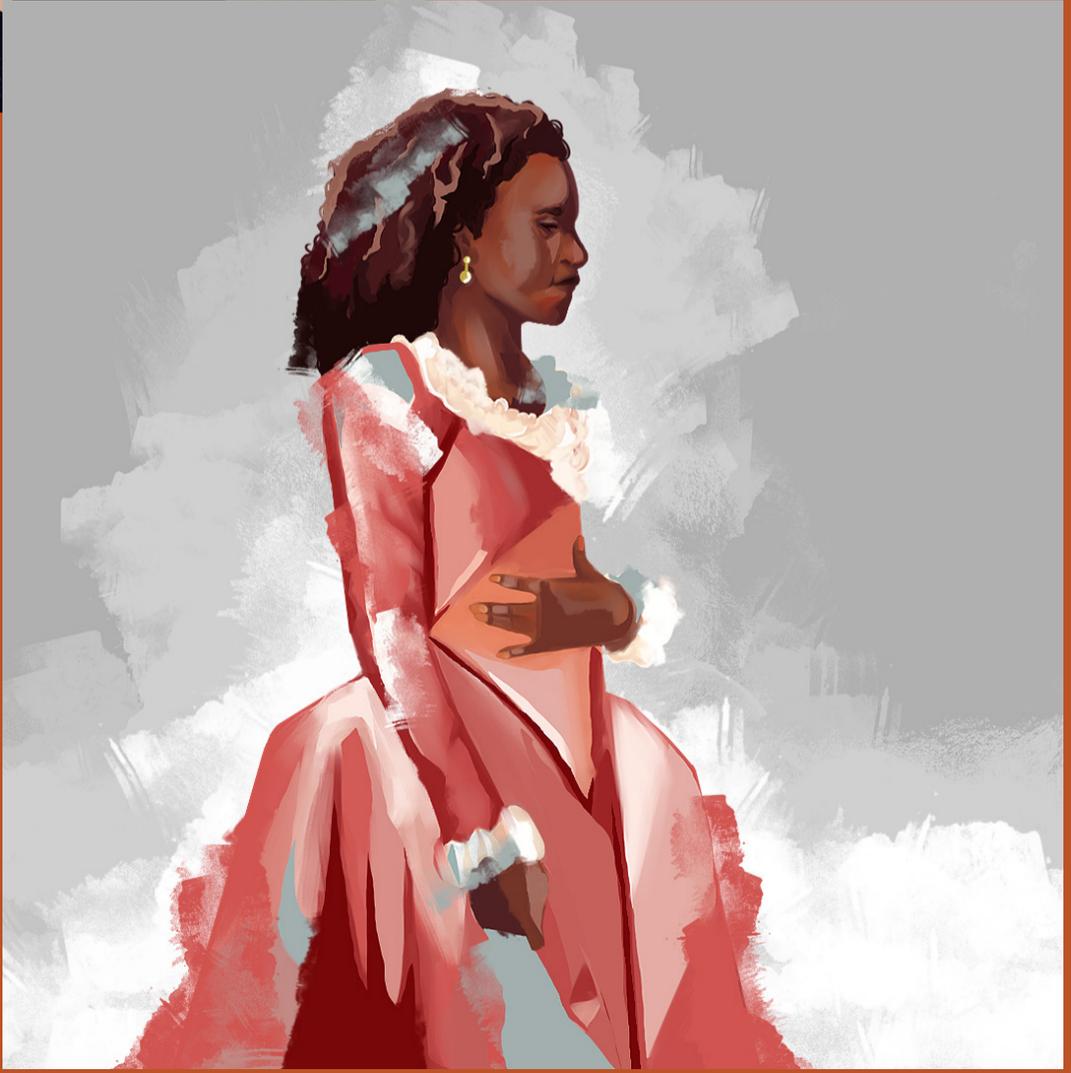
Matheus Garcia



Isabella Figueiredo



Matheus Garcia



Marco Vieira



Hugo Virgínio





## OS PARALAMAS DO SUCESSO? QUE NOME ESQUISITO!

A famosa banda brasileira "Os Paralamas do Sucesso" ganhou esse nome a partir de uma competição entre os membros de quem conseguiria inventar o pior nome possível. De primeira, "As Cadeirinhas da Vovó" apareceu, mas

Bi Ribeiro, o baixista do grupo, pensou em algo melhor (ou seria pior?): "Os Paralamas do Sucesso" - nome que gostaram, e decidiram assumir.

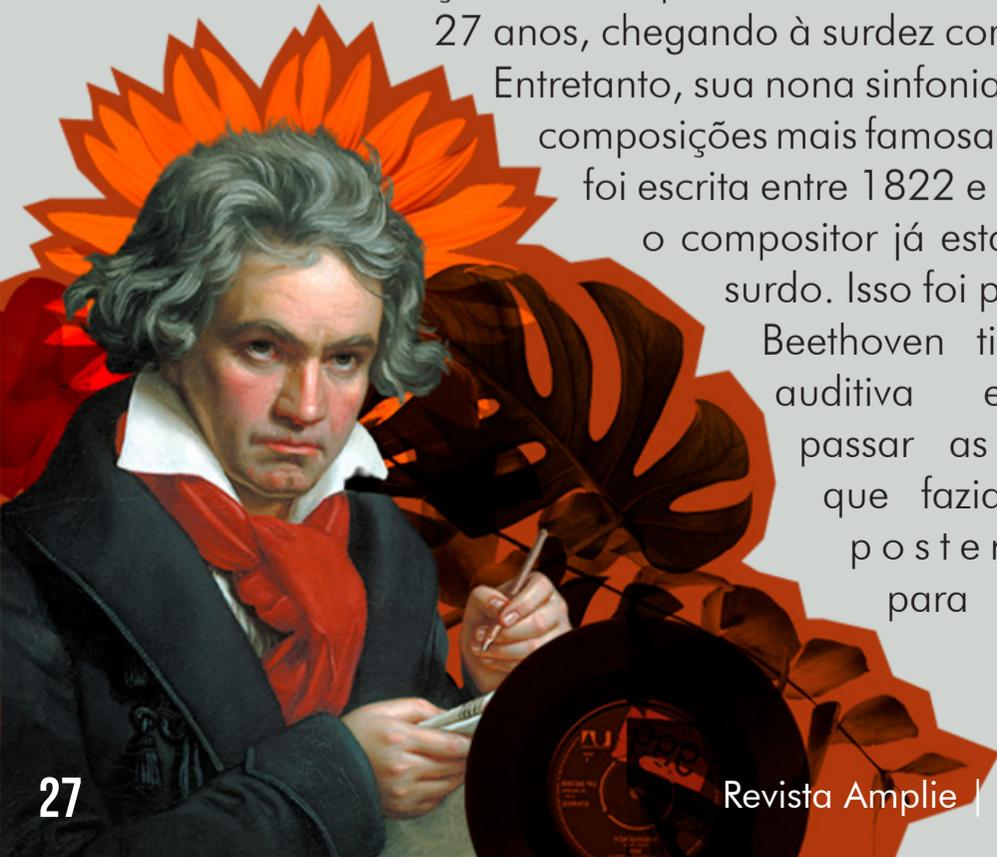
## O SOPRO DO INÍCIO

Indícios apontam que o primeiro instrumento musical inventado pelo homem foi a flauta. A data, origem ou quem teve a ideia primeiro, são questões ainda debatidas, mas pinturas rupestres de 60.000 anos a.C., retratam flautas e apitos nas paredes das cavernas.

## O SOM NO SILÊNCIO

Ludwig Van Beethoven, mais conhecido apenas por Beethoven, começou a ter os primeiros sintomas da surdez aos 27 anos, chegando à surdez completa aos 48.

Entretanto, sua nona sinfonia, uma de suas composições mais famosas e aclamadas, foi escrita entre 1822 e 1824, quando o compositor já estava totalmente surdo. Isso foi possível porque Beethoven tinha memória auditiva e conseguia passar as composições que fazia na cabeça, posteriormente, para as partituras.



## RECORDE NA PRAIA DE COPACABANA

De acordo com o Guinness World Records, foi aqui no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde ocorreu o show ao vivo com maior público da história. Durante o réveillon de 1994 para 1995, o artista britânico Rod Stewart juntou aproximadamente 3,5 milhões de pessoas na Praia de Copacabana, fazendo história.



# PARA ELAS, O PIANO.

Por Ana Kei Osera

Mesmo que durante a história as mulheres tenham conquistado um espaço grande dentro do cenário musical, muitas restrições foram e são feitas até hoje. Foi durante a Idade Média que as imposições e divisões de instrumentos musicais e gênero se solidificaram. Enquanto o piano era considerado um instrumento adequado para uma moça, o violoncelo, por exemplo, não era, já que seria necessário que a artista abrisse as pernas para tocá-lo.

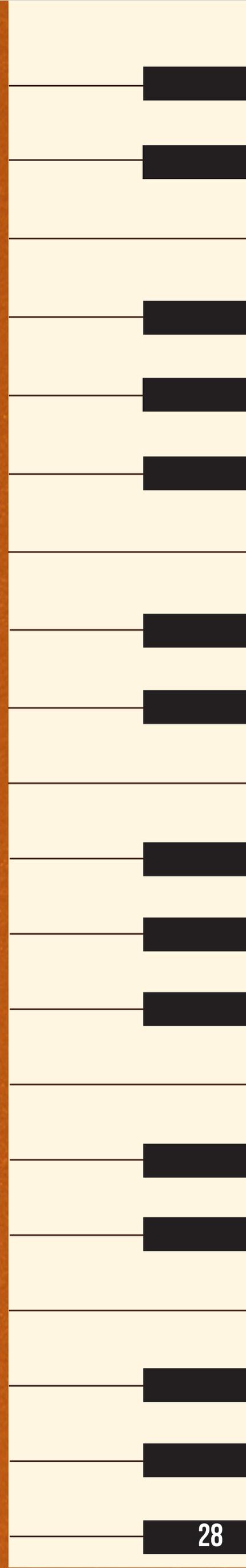
As mulheres sofreram muitas limitações dentro da música (também). Por isso, quase a totalidade das musicistas da época tocavam o piano, exclusivamente. Lisa Meling, professora associada no Departamento de Música e Dança na Universidade de Stavanger, na Noruega, conta que quase toda obra para piano escrita no século XIX, é de autoria de mulheres.

O piano era considerado um instrumento delicado, onde seria possível manter a postura e tocar usando um espartilho - ou seja, perfeito para as mulheres. Já o violoncelo, a flauta, o violino e o oboé eram

considerados masculinos demais. Um instrumento de sopro seria indecente na boca de uma dama. A flauta foi, durante séculos, considerada um instrumento extremamente erótico por aparecer com frequência em pinturas de ninfas seduzindo homens enquanto tocavam o instrumento.

Em 1783, o autor, compositor, educador e teólogo Carl Ludwig Junker deixou claro em um de seus livros quais instrumentos eram ou não apropriados para as mulheres. A trompa, o violoncelo, o contrabaixo, o fagote e o trompete não combinavam com o feminino. Segundo o autor, o instrumento que cabia às mulheres era, de novo, o piano. Nele, seria possível se dedicar sempre com uma postura perfeita, com as pernas fechadas e num vestido bonito.

Os tempos mudaram, é claro. Se uma mulher quiser agora se dedicar à flauta, violoncelo ou fagote, ela não sofrerá o preconceito que nossas antepassadas sofreram. Entretanto, as limitações ainda não se extinguiram - seriam o funk e o rap os violoncelos e oboés da nossa geração?





# LGBTQIA+ E NARRATIVAS

## CONTRA-HEGEMÔNICAS NO MUNDO DA MÚSICA

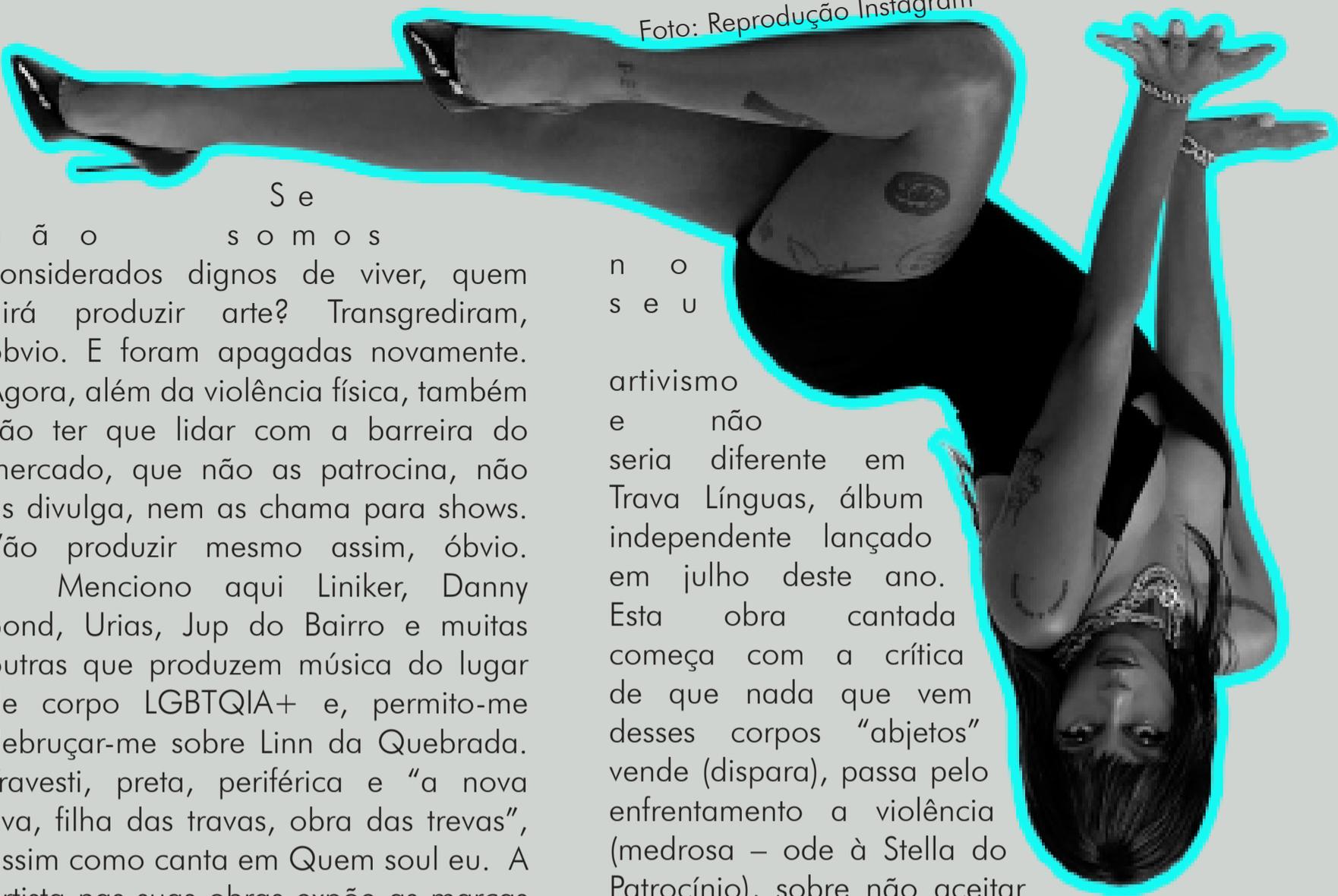
*O apagamento de artistas LGBTQIA+ pela sociedade abre espaços de resistência como a MPTrans, terminologia usada por artistas brasileiras que produzem música e se identificam com outras formas de gênero, fugindo do normativo. Linn da Quebrada faz parte do movimento e ecoa narrativas contra hegemônicas nas suas músicas.*

**Por Luiz Gustavo Barbosa**

Exercício rápido: revirando na sua mente, quantos artistas LGBTQIA+ você conhece? Quantos deles são corpos trans e travestis? Quantas vezes você foi a um lugar com música e estava tocando uma artista travesti? Se os números das suas respostas foram diminuindo ao passar das perguntas, você provavelmente já imagina onde quer chegar. O apagamento promovido

por uma sociedade capitalista, patriarcal e heteronormativa é avassalador: a essas pessoas é dada a prostituição, o título profano de corpo pecaminoso e endemoniado, um cronômetro-alvo nas suas cabeças que para em média aos 35 anos (expectativa de vida de uma pessoa T no Brasil) e as é tirada a humanidade.





Se não somos considerados dignos de viver, quem dirá produzir arte? Transgrediram, óbvio. E foram apagadas novamente. Agora, além da violência física, também vão ter que lidar com a barreira do mercado, que não as patrocina, não as divulga, nem as chama para shows. Vão produzir mesmo assim, óbvio.

Menciono aqui Liniker, Danny Bond, Urias, Jup do Bairro e muitas outras que produzem música do lugar de corpo LGBTQIA+ e, permito-me debruçar-me sobre Linn da Quebrada. Travesti, preta, periférica e “a nova Eva, filha das travas, obra das trevas”, assim como canta em Quem soul eu. A artista nas suas obras expõe as marcas deixadas pela sociedade e reivindica todo o respeito e os direitos que lhe foram negados. Marcas essas, por exemplo, do LGBTQIA+ que é visto de forma humorística e evidenciado na música A Lenda: “Eu tô bonita? (‘Tá engraçada) / Eu não tô bonita? (‘Tá engraçada) / Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada”.

Num rápido resgate de memórias referencio aqui Vera Verão (interpretada por Jorge Lafond) no programa A Praça é Nossa, Patrick (Rodrigo Fagundes) da Zorra Total com o bordão “olha a faca”, Crô (Marcelo Serrado) em Fina Estampa e posteriormente em filmes próprios, entre outros. Linn é resistência

no seu

ativismo e não seria diferente em Trava Línguas, álbum independente lançado em julho deste ano. Esta obra cantada começa com a crítica de que nada que vem desses corpos “abjetos” vende (dispara), passa pelo enfrentamento a violência (medrosa – ode à Stella do Patrocínio), sobre não aceitar a superioridade do macho, branco e colonizador (mate & morra) e culmina em autoconhecimento, questionamento da identidade e quebra da costela de Adão, nos apresentando a nova Eva: travesti, preta e periférica (quem soul eu).

Para a sociedade cis-hetero-patriarcal-burguesa não é interessante essas vozes ecoando, pois questionam a permanência deles como classe dominante. É desse ativismo que precisamos, político e questionador, que nos faz refletir sobre quem não deseja nossa existência. Viva Linn da Quebrada, viva as novas Evas, viva a arte produzida por pessoas que não se enquadram nos padrões normativos de gênero.



# INDEPENDÊNCIA STREAMING

Como os serviços de streaming funcionam para compositores, músicos e produtores independentes

**Por Thaís Poubel**

O streaming está dominando: queremos escolher o que ouvir, ter uma infinidade de opções e tudo a um toque de distância. Assim, essa tecnologia atualizou as possibilidades de comercialização da música.

Enquanto as vendas de CDs, DVDs se tornam um nicho para colecionadores, a receita de consumo da área digital aumenta exponencialmente. Segundo informações da Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD), o crescimento dessa receita em 2012 foi de 83,12%.

Para além dos ouvintes, os desktops ganharam recursos para captação e produções sonora que, nas mãos corretas, se tornam

um estúdio musical. O artista não precisa mais ser descoberto por uma grande gravadora, que lhe oferece um contrato abusivo sobre o qual ele não tem poder de negociação.

É revolucionário. Além de dar autonomia ao usuário, a indústria fonográfica está tendo que abrir espaço para autonomia do artista.

“Não que seja fácil”, é o que diz o rapper, beatmaker e produtor musical, Stigma: “o artista que começa independente não tem nenhuma equipe pra isso. Então, o cara tem que escrever, produzir, mixar, lançar, registrar, upar no serviço de streaming.

O acesso está mais fácil, mas a execução é trabalhosa”.

O processo para disponibilizar uma

# CIA NO MING



## Hora de colher os frutos!

música no streaming é burocrático. “As plataformas não fazem contrato com pessoas físicas”, explica o compositor e artista independente, Gabriel Gomes. Segundo ele, você precisa se filiar a uma associação de compositores, sendo a Abramus e a UBC as principais opções. Na plataforma dessa associação, o artista faz o registro de sua música, identificando os participantes da gravação.

Depois do registro, o artista faz contato com uma editora, que é responsável pela distribuição da música. Apenas essas empresas conseguem fazer contato com os serviços de streaming, sendo a ONErpm e a CD Baby as mais conhecidas no Brasil.

Você lançou sua música e as pessoas estão dando streams, bacana! Hora de receber.

De acordo com dados do site The Trichordist, o Spotify paga, atualmente, US\$ 0,00348 por stream, e o Deezer paga US\$ 0,00562 por transmissão. Isso significa que, para que uma música lucre US\$ 100 é necessário que ela seja reproduzida entre 18 e 29 mil vezes, dependendo da plataforma.

Uma porcentagem fica com as distribuidoras. No caso da CD Baby, a editoração e distribuição de um fonograma custa US\$9,95 e paga 91% dos royalties ao artista. Já a ONErpm não cobra uma taxa inicial para distribuição do fonograma, mas paga só 85% de royalties.

Depois da porcentagem da distribuidora, vêm a

associação e o órgão fiscalizador. Segundo o site oficial da ABRAMUS, 85% do valor arrecadado por um fonograma é distribuído aos titulares, ou seja, os artistas. Desses 85%, dois terços vão para autor e compositor e um terço para intérpretes, músicos e para o produtor, aqueles que você identificou na hora de registrar.

A democratização da produção musical tem sido um passo muito importante para que artistas comecem a ter autonomia, porém, o lucro dessa indústria continua concentrado, é o que Gabriel Gomes reforça: “O que é repassado ao artista é muito pouco. Quem realmente lucra com o fonograma, hoje, deixou de ser a gravadora e passou a ser a plataforma, isso está em vias de mudar”.



# Hit de

**Por Julia Camim**

O tédio, o isolamento social e o sonho de viralizar na internet foram a combinação perfeita para que, durante a pandemia, o *TikTok* se tornasse um dos aplicativos mais usados e o ditador de tendências dos últimos tempos.

Embora não seja de hoje o impacto das mídias sociais na indústria musical, o aplicativo trouxe algo novo que o *Instagram*, o *Twitter* e outras redes não eram capazes de oferecer. Para além da música e da possibilidade de compartilhamento, o *TikTok* permitiu que profissionais de diversas áreas passassem a atuar e expandir seu público de forma mais criativa, porém irresponsável em certos aspectos. Médicos, maquiadores, cozinheiros, advogados, todos acharam espaço na rede social para usar as tendências a seu favor.

**Mas o que fez de fato o aplicativo virar febre foi a geração millennial. Não importa o tema, seguir ou não as tendências é o fator responsável pelo sucesso ou fracasso dos vídeos.**

Das dancinhas aos desafios, das dicas aos diagnósticos irresponsáveis, as músicas que “hitaram” agrupam todo o conteúdo de forma quase que harmônica, num padrão impressionante de 15 segundos que se multiplicam. O aplicativo não só depende da música, como estabelece o que vai ser ouvido daquele momento em diante. As DCs que viraram sucesso fazem algumas produções explodirem, enquanto outras são usadas só como fundo para uma *trend* bem humorada. A questão é que, na mesma velocidade que os millennials aprendem as dancinhas, as músicas estouram e são esquecidas. Por mais que elas sejam encontradas nos top *hit* de vários *streamings*, a lista não para de ser atualizada, transformando os artistas em fenômenos de alguns dias.

O produtor musical Pedro Zimmer, que é formado pela *Full Sail University*, da Flórida, explica que, por mais que não haja uma fórmula exata de como fazer uma música estourar, há certos elementos que se repetem, trazendo a familiaridade necessária para causar reconhecimento com o público. Em um período em que os músicos e produtores ficaram sem uma de suas fontes de renda, os shows, fazer músicas que

# 15 segundos

chamam a atenção no aplicativo acaba se tornando o principal foco desses artistas. Isso faz as produções utilizarem esses elementos já *hitados*, trazendo poucas novidades e conseqüentemente diminuindo o risco de ser um fracasso.

Grandes artistas acabam trazendo cada vez menos vídeos elaborados e mais danças com passos batidos e capazes de reprodução. Já os músicos antes anônimos aproveitaram da mesma estratégia para dar o pontapé inicial na carreira. O importante, de fato, não é se tornar a música do carnaval do ano seguinte ou dominar todas as *playlists*, e sim estourar de forma rápida, mesmo que por um curto período de tempo.

Se antes o lançamento de um álbum representava um grande sucesso, agora espera-se que pelo menos um trecho de uma música se torne viral. As letras que antes eram fundamentais, agora servem mais para guiar as dancinhas. Músicas que estouram por causa de vídeos de adolescentes muitas vezes têm apenas o refrão reproduzido e conhecido, fazendo o resto pouco importar. Assim, muitas músicas explícitas e até violentas passam despercebidas pelo *feed* infinito do aplicativo, o que não parece ser visto como um grande problema, já que em poucos dias elas são esquecidas e substituídas, incapazes de permanecer muito tempo no topo.



3.5k



250



520



Os artistas que mais bombaram no TikTok em 2021 segundo um balanço divulgado pelo aplicativo. Simone (@simoneses), Anitta (@anitta), Luísa Sonza (@luisasonza), Alox (@alok), MC Mirella (@mcmirellaoficial) e Zé Felipe (@zefelipe).





# TEM LUGAR NA JANELINHA?

O fenômeno dos movimentos musicais emergentes no cenário internacional

Por Felipe Azevedo

Concentrada majoritariamente nos Estados Unidos e no Canadá, a indústria mundial da música vem ganhando novos rumos. Cada vez mais, músicas lançadas em países antes não reconhecidos como grandes produtores musicais ultrapassam suas fronteiras e se tornam relevantes globalmente. Confira alguns dos principais movimentos que protagonizam esse fenômeno:

## COREIA DO SUL E O K-POP

Não é surpresa que a Coreia do Sul é hoje um dos maiores destaques no mercado mundial da música. Ainda em 2012, o hit Gangnam Style, do rapper Psy, conquistou importância global, mesmo sendo um caso isolado. Mas, com a febre do K-pop (abreviação de korean pop), as músicas sul-coreanas bombaram de vez. Apresentando canções viciantes, clipes grandiosos e artistas multifacetados, o K-pop trouxe uma identidade própria e conquistou fãs apaixonados ao redor do mundo.

O impacto universal do gênero musical pode ser observado pelos números e recordes que só aumentam. Só para ter noção, 9 dos 10 clipes musicais mais vistos nas primeiras 24h no Youtube são de grupos ou artistas sul-coreanos. Apenas no Brasil, o K-pop cresceu cerca de 47% ao ano no Spotify, segundo a plataforma.

Como consequência, a economia da Coreia do Sul viu seus números crescerem, fazendo o investimento no K-pop, grande parte originado do governo, ser

cada vez maior. E o resultado é perceptível: Só o BTS, maior grupo atual do gênero, consegue movimentar cerca de US\$ 3,7 bilhões ao ano na economia do país.

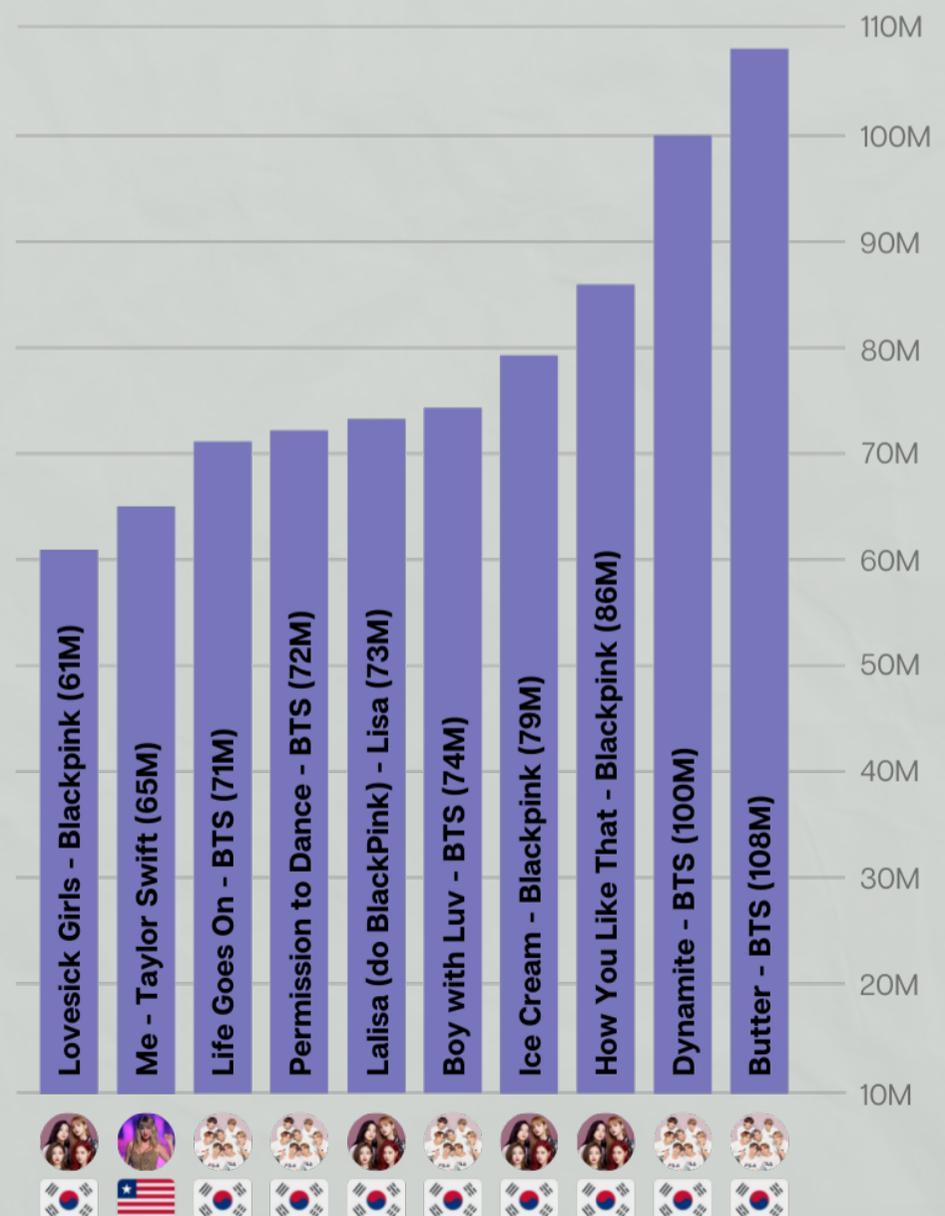


Gráfico 1: Clipes mais vistos nas primeiras 24h



## REGGAETON

O Reggaeton é um gênero porto-riquenho conhecido mundialmente pelo ritmo dançante e pelas letras cantadas em espanhol. Apesar de contar com grandes êxitos desde meados dos anos 2000, como a inesquecível Gasolina, de Daddy Yankee, o reggaeton atingiu seu pico de popularidade global com Despacito, parceria do já conhecido Daddy Yankee e Luis Fonsi, lançada em 2017. O sucesso foi tão grande que a canção possui o segundo clipe musical mais visto de todos os tempos no Youtube, ficando atrás apenas da canção infantil "Baby Shark".

Atualmente, a Colômbia virou o principal destaque na produção do reggaeton. J Balvin é o grande nome que iniciou uma nova onda de popularização do gênero para fora das terras latinas. Dono de hits como Mi Gente, o colombiano conseguiu, em junho de 2018, ser o artista mais ouvido mensalmente no Spotify em todo o mundo. Mas se engana quem pensa que Porto Rico está fora do jogo! Em 2020 e 2021, o artista mais ouvido do ano no Spotify foi o rapper porto-riquenho Bad Bunny.

## O CASO BRASILEIRO

O Brasil não é um grande exportador de músicas como a Colômbia e a Coreia do Sul, mas isso não quer dizer que nossas canções não toquem mundo afora. A Bossa Nova, gênero brasileiro pioneiro no cenário internacional, é reconhecida mundialmente até hoje. A inconfundível Garota de Ipanema, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, ainda é a segunda música mais regravada em todo o mundo, ficando atrás apenas de Yesterday, dos Beatles.

Mas a bola da vez é, inegavelmente, o Funk, gênero que vem ganhando a atenção dos gringos e crescendo muito. Uma das principais responsáveis para que o ritmo criado nas periferias do Rio de Janeiro chegasse aos ouvidos de outros países é Anitta. A carioca, que construiu sua carreira musical misturando Funk, Reggaeton e Pop, começou a ser reconhecida nos países latinos após lançar colaborações com Maluma e J Balvin. Hoje, a artista vem dando seus primeiros passos rumo ao reconhecimento também nos Estados Unidos. Na bagagem, ela coleciona parcerias com Madonna, Cardi B e Snoop Dogg, além de músicas lançadas em 5 idiomas: português, inglês, espanhol, francês e italiano.



**Bad Bunny**  
Porto Rico

- Artista mais ouvido em 2020 e 2021 no Spotify
- Em 2020 e 2021, teve mais de 17.4 bilhões de reproduções

Foto: Kevin Winter / Getty Images via AFP



**Karol G**  
Colômbia

- Artista com mais views no mundo em 2021 no Youtube
- Mais de 3,1 bilhões de visualizações

Foto: Divulgação



**Anitta**  
Brasil

- Cantora com mais #1's no iTunes em seu país de origem
- Músicas em 5 idiomas diferentes

Foto: Angela Weiss / Getty Images via AFP

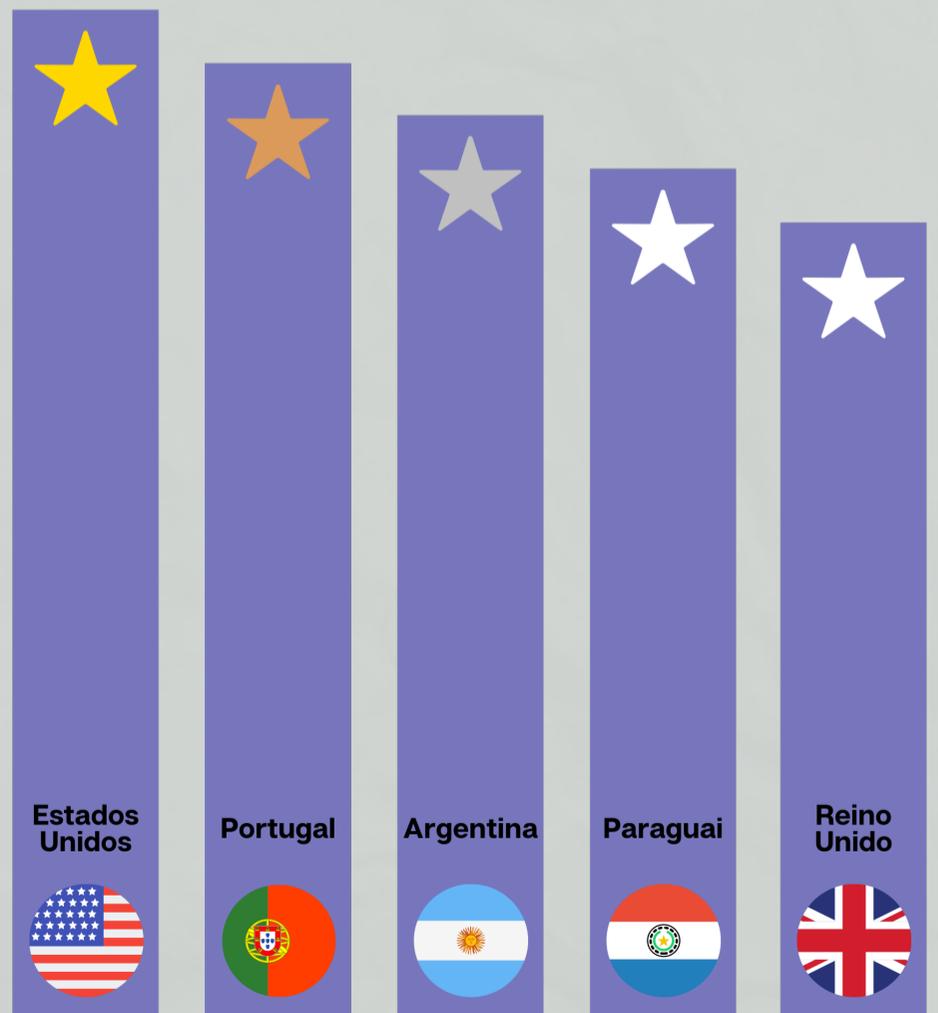


Gráfico 2: Destaques de artistas latinos nos últimos anos

Gráfico 3: Países que mais consomem funk brasileiro

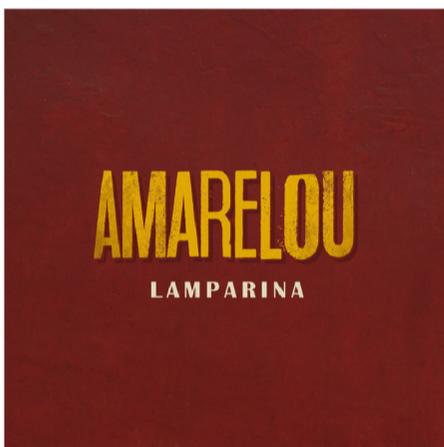
# AMPLIE INDICA



## Montero (2021)

Lil nas X

O álbum de estréia do fenômeno Lil nas X conta com 15 faixas e foi um dos mais aguardados do ano. Misturando rap e pop, o rapper canta sobre sua identidade, relacionamentos e a homofobia sofrida na indústria musical. Além disso, os clipes lançados apresentam visuais surpreendentes.



## Amarelou (2021)

Banda Lamparina

O single da banda mineira tem uma pegada de reggae e é cantado pela vocalista Marina Miglio. Com clipe colorido e takes divertidos, Amarelou exala brasilidade e pode ser a porta de entrada para que mais pessoas conheçam o grupo dono do hit *Não Me Entrego Pros Caretas*.



## Sem Tempo (2021)

Maria Nalah

O single *Sem Tempo* marca a estréia de Maria Nalah, cantora paulista de apenas 15 anos, no mercado musical brasileiro. Com clipe impecável e apresentação no MTV Miaw 2021, a música colocou a artista como uma grande aposta para o novo cenário da música pop nacional.



## Red - Taylor's Version (2021)

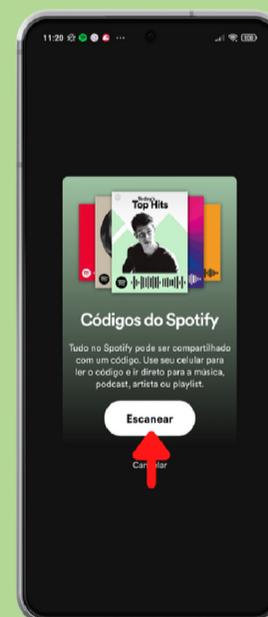
Taylor Swift

O álbum é o segundo regravado por Taylor após a compra dos projetos iniciais da cantora pelo empresário Scooter Braun. Além de trazer novas gravações das músicas da versão original, como os hits *Red*, *22* e *We Are Never Ever Getting Back Together*, o álbum conta com 14 faixas inéditas.

Veja mais indicações  
no Spotify



Clique no ícone de  
câmera na barra de  
pesquisa do aplicativo



Clique em "escanear"  
e aponte sua câmera  
para o código abaixo





Foto: Divulgação/Netflix

## A Voz Suprema do Blues (2020)

Netflix

Marcado como o último trabalho do ator Chadwick Boseman, o filme acompanha uma sessão de gravação da cantora Ma Rainey, considerada a mãe do blues e que é interpretada pela incrível Viola Davis.



Foto: Divulgação/Migdal Filmes

## Cássia Eller (2014)

Migdal Filmes

O documentário apresenta parte da vida e carreira de Cássia Eller, um dos maiores nomes da música brasileira.



## BEYONCÉ EM DOSE TRIPLA

Beyoncé é uma artista completa e com discografia excelente, mas você sabia que ela também tem algumas obras audiovisuais de tirar o fôlego?

Nossa primeira indicação é o álbum visual *Lemonade* (2016), conhecido por hits como *Formation* e *Sorry*. É o segundo álbum visual lançado pela cantora e apresenta clipes para cada uma das faixas, tendo sido distribuído pela HBO como um filme. O destaque vai para os temas tratados no álbum, como o racismo e feminismo.

Uma ótima opção para entender mais do funcionamento da indústria da música em relação às performances é o documentário *Homecoming* (2019), da Netflix. Além de mostrar os ensaios e os shows surpreendentes de Beyoncé no Coachella, o documentário também aborda questões como maternidade e pressão estética.

Por fim, nossa última indicação é *Black Is King* (2020), álbum visual feito para o streaming Disney+ e derivado do live-action de "O Rei Leão". Nele, Beyoncé exalta as culturas africanas em uma narrativa surpreendente.



Fotos:  
Divulgação/HBO  
Divulgação/Netflix  
Divulgação/Disney+

### **Editoras**

Ana Kei Osera  
Maria Eduarda Melo  
Mayla Araújo  
Nara Rozado

### **Escritores**

Ana Kei Osera  
Felipe Azevedo  
Isabelle Oliveira  
Julia Camim  
Luara Miranda  
Luiz Gustavo Barbosa  
Pedro Langer  
Stéfany Peron  
Thaís Poubel

### **Diagramadores**

Ana Kei Osera  
Felipe Azevedo  
Flavia Diamantino  
Laura Tranin  
Nara Rozado  
Stefany Peron

### **Revisoras**

Flavia Diamantino  
Julia Lourenço  
Mayla Araujo

### **Marketing**

Ana Kei Osera  
Giovana Silva  
Maria Eduarda Melo





AMPLIE

EDIÇÃO 2021 | Nº 03

MUNDO DA MÚSICA